

BRASIL – CONGRESSO NACIONAL DOS SEMINARISTAS

Pe. Vito Del Prete

Secretário-Geral da Pontifícia União Missionária

Fundamento bíblico-teológico da formação missionária dos seminaristas

1. Introdução

Este Congresso Nacional dos Seminaristas do Brasil foi possível, graças à convicção e à tenacidade de Pe. Daniel, Diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias. Trata-se de um acontecimento significativo para a missão evangelizadora, para o qual ofereceram o seu apoio e a sua aprovação a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o caloroso encorajamento da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Trata-se de um acontecimento da máxima importância para a Igreja que está no Brasil, por estes dois motivos: primeiro, animar e formar missionariamente os pastores, que constitui o meio e a maneira de tornar toda a Igreja efetivamente missionária. Por conseguinte, a necessidade de preparar os futuros presbíteros para que venham a ser pastores e evangelizadores.

O segundo motivo é o seguinte.

A Igreja que está no Brasil é o motor das inovações, da vitalidade e da missão no meio dos países da América Latina. Toda a reflexão teológica que aparece sob o nome de teologia da libertação, e a consequente práxis pastoral, que se difundiu especialmente nas Igrejas jovens da África e da Ásia, nasceram no Brasil por uma paixão, que não hesito em denominar missionária: ou seja, como fazer para que o Reino de Deus chegue e seja realizado na sociedade contemporânea, onde a injustiça, a prevaricação e a negação da dignidade da pessoa constituem ainda uma realidade obscura, irredenta. Por isso, a consequente Igreja que está no Brasil transformou os seus métodos pastorais e a sua reflexão de fé, através de um intenso processo de inculturação, de leitura da história, de conscientização, de escolhas pastorais e de novos instrumentos catequéticos.

Viu-se um povo inteiro retomar nas suas mãos a mensagem de Cristo, voltar a interpretá-la e construir a cidade do homem em conformidade com os imperativos do Reino de Deus.

Em tudo isto estava incluída também a missão evangelizadora em outras culturas e outros continentes. Aliás, do pouco que é do meu conhecimento, desejava-se quase transplantar a metodologia pastoral-evangelizadora para as demais Igrejas com situações socioeconômicas semelhantes às do Brasil. E inspirava-se naquela bonita declaração de Medellín, «demos a partir da nossa pobreza», para indicar que a evangelização *ad extra* é um dever que cabe também às Igrejas jovens e pobres.

A vocação e a existência missionária, que são conaturais ao ser discípulo de Jesus Cristo, declarada e desejada por todas as Igrejas da América Latina, não alcançou o amadurecimento e ainda deve manifestar toda a potencialidade. Este Congresso Nacional tem em vista pôr novamente em movimento a participação na missão universal, porque o cristianismo nunca é tão autenticamente ele mesmo, mais coerente com Jesus e mais claramente orientado para seu próprio futuro, do que quando lança a missão mundial.

2. Elementos bíblicos

A primeira missão cristã compromete a própria pessoa de Jesus.

O tema da missão encontra-se no centro da sua pessoa, do seu ministério profético e da sua oração. Ele passa sua vida em missão e deseja que seus apóstolos permaneçam em missão. Na sua prece sacerdotal, a missão é o termo fulcral: «Consagra-os com a verdade... Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os envio ao mundo. Consagro-me a favor deles, a fim de que também eles sejam consagrados com a verdade» (Jo 17, 17-19). «Apóstolo», ou «missionário», tornou-se o

termo técnico para indicar todos aqueles que eram enviados, primeiro pelo Jesus terreno, e sucessivamente pelas suas primeiras comunidades, com a finalidade de dar continuidade à sua obra messiânica: tanto os Doze, enviados por Jesus a evangelizar as comunidades hebraicas de Jerusalém e da Samaria, como em seguida os outros enviados às comunidades judaicas da diáspora e às comunidades pagãs.

O **Novo Testamento** apresenta-nos uma comunidade de pessoas que, não obstante as tribulações que encontram, fixam o olhar no Reino de Deus, rezando pela sua vinda, proclamando sua presença, trabalhando pela paz e pela justiça no meio do ódio e da opressão, e olhando e trabalhando pelo futuro de Deus. Os Evangelhos são documentos missionários. Examinemos o grande envio contido no Evangelho de Mateus: **«Portanto, ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que Eu vos ordenei. Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo»** (Mt 28, 19-20).

Trata-se da chamada do cristianismo ao universalismo. Os discípulos devem cumprir a missão no meio dos gentios, transformando-os naquilo que eles mesmos são: discípulos de Cristo, segundo o modelo do primeiro missionário, que é Jesus. E isto quer dizer no sofrimento e no martírio, na debilidade da cruz.

A comunidade cristã é uma comunidade-em-missão, que tem como objetivo ir e fazer com que todos os povos se tornem discípulos. Jesus ressuscitado, o Senhor, está presente no meio dos missionários. Eles vão até os confins da terra, convictos de que «quem vos recebe a vós, recebe a mim; e quem me recebe a mim, recebe Aquele que me enviou» (Mt 10, 40). A missão comporta desde o início a sensibilização dos novos fiéis às necessidades dos outros, a abertura dos seus olhos e dos seus corações ao reconhecimento da injustiça, do sofrimento, da opressão e da situação dos marginalizados e das pessoas abandonadas.

A presença permanente de Jesus está intimamente ligada ao compromisso dos seus seguidores na missão. É quando eles fazem discípulos, quando os batizam e os ensinam, que Jesus permanece com eles. Jesus promete sua assistência aos discípulos, quando partem para cumprir sua perigosa missão e encontram a rejeição e até perseguições. Podemos dizer que, graças ao fato de que Jesus continua a estar ao lado seus discípulos, eles partem em missão.

Os cristãos encontram sua verdadeira identidade, quando são empenhados na missão, na transmissão aos outros de um novo estilo de vida e de uma renovada interpretação da realidade e de Deus, e no compromisso em prol da libertação e da salvação dos outros.

2.1. As motivações missionárias de São Paulo indicam-nos a natureza e a metodologia da evangelização hoje

a. Um sentido de preocupação

Ele vê a humanidade fora de Cristo como totalmente perdida, orientada pelo caminho da perdição e tremendamente necessitada de salvação (cf. *1 Cor* 1, 18; *Ef* 2, 12), pelo que deve anunciar o Evangelho de Deus ao maior número possível de pessoas. Ele declara-se Apóstolo, chamado por Deus, eleito por vocação para levar o Evangelho aos gentios, embaixador de Cristo, através dele e dos seus colaboradores, Deus dirige seu apelo àqueles que se extraviaram: «Suplicamos-vos, em nome de Cristo, deixai-vos reconciliar com Deus» (*2 Cor* 5, 20).

b. Um sentido de responsabilidade

A preocupação de São Paulo traduz-se em uma profunda consciência de que anunciar o Evangelho é um dever que lhe compete. É um dever que pesa sobre ele (*ananke* = necessidade iniludível) «Ai de mim, se eu não anunciasse o Evangelho» (*1 Cor* 9, 16). Ele é devedor em relação a todos os

povos. Por que é devedor? Ele é devedor a Cristo, de quem recebeu a iluminação e a conversão. Esta dívida a Cristo somente pode ser saldada, se Ele comunicar o dom recebido de Cristo a todos, dos quais se faz servo, fazendo-se tudo por todos, em vista do serviço ao Evangelho, para tornar-se com eles partícipe da salvação (cf. *1 Cor 9, 19-23*). A responsabilidade em relação aos gentios sugere-lhe inclusive o método missionário da *Kenosi*.

E é esta responsabilidade missionária que forma a autêntica comunidade cristã, uma comunidade sem confins, que deve ter uma conduta exemplar em ordem a um testemunho cristão diante daqueles que estão fora, que são os não-cristãos.

O estilo de vida dos cristãos deve ser não apenas exemplar, mas também atraente, de tal maneira que os não-cristãos se sintam atraídos a unir-se à comunidade dos fiéis. Então, exige-se que os cristãos adotem um estilo de vida missionário.

A responsabilidade primária dos cristãos «comuns» não consiste em ir pregar, mas em apoiar o projeto missionário com sua conduta fascinante, fazendo com que quantos estão fora sintam que são bem-vindos no meio deles.

c. Um sentido de gratidão

São Paulo chega até os confins da terra, motivado pela experiência irresistível do amor de Deus, que ele recebeu através de Jesus Cristo. «O amor de Cristo constringe-nos!» (cf. *2 Cor 5, 14*). Ele dá graças pelo privilégio que recebeu, ou seja, a graça do apostolado para obter a obediência à fé da parte de todos os povos (cf. *Rm 1, 5*), dos quais se tornou um ministro.

O modo de dar graças consiste em ser missionário junto aos judeus e aos gentios. Trata-se de uma função sagrada (*leiturghein*), de libação, de sacrifício. Os convertidos constituem uma oblação a Deus.

d. Missão na debilidade

A **missão** realiza-se e fundamenta-se no sofrimento, que não é algo a ser suportado passivamente, mas sim uma expressão do compromisso ativo da Igreja no meio do mundo, em vista da redenção. O sofrimento é um elemento necessário do compromisso missionário. Ela deve chegar mesmo à entrega da própria vida.

Em síntese, a Igreja deve pôr-se ao serviço do desígnio cósmico histórico de Deus, para a redenção do mundo.

3. Despertar missionário

Embora no início se distinguíssem entre dois tipos de ministério, ou seja, o fixo dos bispos, presbíteros e diáconos, e o móvel dos apóstolos, profetas e evangelistas, todavia a todos era confiada a mesma missão evangelizadora. São Paulo e São Barnabé são guias da Igreja local de Antioquia e missionários itinerantes. Depois, com o pressuposto de que o Evangelho tinha alcançado todos os povos, o profeta tornou-se sacerdote da classe dirigente, o carisma transformou-se em ofício, e o amor em rotina. Aos presbíteros, aos bispos e aos diáconos foi praticamente confiada a missão exclusiva de apascentar o Povo de Deus. O horizonte não era mais o mundo, mas os confins da Igreja e da paróquia local. A impetuosa torrente missionária dos primeiros anos foi abandonada em um lento regato e finalmente em um pântano imóvel, a tal ponto que a evangelização *ad extra* foi delegada a um grupo de missionários, enquanto o clero tinha a tarefa de apascentar a comunidade cristã da diocese.

Por conseguinte, não causa admiração se o Concílio Vaticano II e o subsequente magistério da Igreja chegaram a tirar a atividade evangelizadora da condição de delegação e de marginalidade, fazendo da mesma a prioridade da missão da Igreja. Por isso, dos ministros ordenados exige-se que anunciem o Evangelho até os extremos confins da terra. «O cuidado de anunciar o Evangelho em

todas as partes da terra pertence ao corpo dos pastores, aos quais em conjunto deu Cristo o mandato, impondo este comum dever, como já o Papa Celestino recordava aos Padres do Concílio de Éfeso» (*Lumen Gentium*, 23). «Os irmãos Bispos são comigo diretamente responsáveis pela evangelização do mundo, quer como membros do Colégio episcopal, quer como pastores das Igrejas particulares... [Com efeito] os Bispos foram consagrados não apenas para uma diocese, mas para a salvação do mundo inteiro» (*Redemptoris Missio*, 63).

Os documentos conciliares em que mais se observa uma carga universal são a *Lumen Gentium*, a *Gaudium et Spes* e o *Ad Gentes*. Neles a evangelização sobressai como a categoria fundamental da natureza da Igreja. Está presente e orienta todos os setores da sua atividade, das pessoas e dos ofícios que eles são chamados a desempenhar. «Sobretudo começa a afirmar-se uma nova consciência, isto é, a de que a missão compete a todos os cristãos, a todas as dioceses e paróquias, instituições e associações eclesiais» (RM, n. 2). Não há sequer uma categoria de pessoas que foi poupada por isto: Papa, bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e contemplativos; não há setor da pastoral que tenha sido caracterizado pela dimensão missionária, como a pastoral sacramental, a catequese, a caridade, em síntese, toda a vida e as atividades da comunidade cristã. Por este motivo, o aforismo «a Igreja é missão» fotografa bem a Igreja que saiu do Concílio Vaticano II e resume sua razão de ser.

O ministério ordenado tem uma dimensão conatural e uma consequente responsabilidade missionária.

Os **presbíteros** sabem que sua própria incardinação em uma diocese não os exime da disponibilidade fundamental a ser enviados para outras Igrejas e culturas. Ao longo destas décadas, muitos deles se mostraram dispostos a deixar a porção do rebanho que lhes fora confiada, e a partir para onde o bispo os enviava. Trata-se dos chamados sacerdotes *Fidei Donum*, termo cunhado pela homônima carta encíclica de Pio XII.

O mandato de evangelizar o mundo inteiro **tem para os bispos uma força vinculante**, e não pode ser desatendido. Se isto acontecesse, provocar-se-ia uma ferida moral na definição e na própria credibilidade do ministério ordenado.

Estas afirmações doutrinárias – afirma João Paulo II – estão repletas de consequências. Pode-se dizer que a missionariedade constitui a nota distintiva do ministério ordenado.

Sem dúvida, elas impeliram os bispos, os sacerdotes e os diáconos a reconsiderar em termos missionárias sua própria consagração e seu ministério, e a inserir na agenda dos seus encontros a missão universal. Assim, as orientações pastorais das conferências episcopais são enquadradas em uma moldura missionária, tanto *ad intra* como *ad extra*.

4. Uma consideração sobre esta situação

Depois do entusiasmo e das aberturas da primeira hora, suscitadas pelo Concílio Vaticano II, parece que atravessamos um período de estase, de que a *Redemptoris Missio* se faz intérprete autorizada, focalizando os obstáculos externos e internos da própria Igreja, que «enfraqueceram o dinamismo missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos: este é um fato que deve preocupar todos os que acreditam em Cristo» (RM, n. 2).

Existe a grave tendência que atena as Igrejas particulares, a fechar-se em si mesmas, preocupadas com suas necessidades e ocupadas com os não fáceis desafios que a humanidade apresenta ao cristianismo. Esta é a missão – ouvem-se repetir muitos bispos preocupados.

No entanto, a experiência diz-nos que assim elas não vão muito longe, porque o único remédio para voltar a dar vida às comunidades cristãs é a *Missio Ad Gentes*. É dando a fé que ela se fortalece! Se uma diocese ou uma comunidade cristã não se puserem no sulco da evangelização, entrarão em uma crise de fé.

Eis por que motivo «os Bispos, com seus mais estreitos colaboradores no sacerdócio, recebem do Senhor... a missão de ensinar todos os povos e de pregar o Evangelho a toda criatura» (cf. LG, n.

24), e por isso devem ser os pregadores da fé que «conduzem a Cristo novos discípulos» (cf. AG, n. 20) e tornar «palpáveis o espírito e o ardor missionário do Povo de Deus, de maneira que toda a diocese se torna missionária» (AG, n. 38).

Devem existir duas almas – por assim dizer – do ministério ordenado: pastor local e pastor itinerante; e também duas perspectivas; da Igreja constituída e da Igreja a ser fundada.

Não é a consciência do mandato missionário que falta aos pastores, mas sim a dificuldade prática de o cumprir de maneira adequada, dificuldade esta que é devida, de resto, à multiplicidade das tarefas que lhes são atribuídas e ao peso das estruturas eclesiais.

5. Formação missionária

É necessário preparar os futuros presbíteros para a tarefa da evangelização, caso contrário sua vontade de transmitir o Evangelho de Deus aos povos permanecerá apenas um desejo.

«Deus abre à Igreja os horizontes de uma humanidade mais preparada para a sementeira evangélica. Sinto que chegou o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão *ad gentes*» (RM, n. 3).

A Igreja tem um sonho: os jovens, que se inserem no sulco da missão e do testemunho de Jesus Cristo. Aos futuros sacerdotes é pedido que não tornem vã a graça profética e apostólica da sua ordenação.

Nós sabemos que a Igreja peregrina é missionária por sua natureza. Ela nasceu às margens do lago da Galiléia, onde sopraram os ventos do Espírito, onde se respirava a fascinação da aventura, onde teve início a difusão da Boa Notícia.

A evangelização é a vocação própria da Igreja. É seu estatuto: «Nós a anunciamos a vós». Temos que ser fiéis a esta origem de fundação, mas ao mesmo tempo inseri-la no mundo contemporâneo, onde novos desafios são levantados ao Evangelho pela compreensão que o homem tem de si mesmo, do seu trabalho e do seu destino, pelas transformações da sociedade em todos os seus aspectos, pelas culturas e pelas religiões. Somos chamados a comprometer-nos em ordem a anunciar a Boa Nova a um mundo irredento e ainda na sua maioria não cristão, a comunicar a novidade salvífica que é Cristo ressuscitado, em que a humanidade encontrará a plena humanização e alcançará o fim que lhe é próprio.

O problema que se nos apresenta é o seguinte: quem enviarei, e quem irá por nós? Nós respondemos: «Estou aqui, envia-me!». Esta resposta implícita e generosa somente pode tornar-se verdadeiramente eficaz se a esta disponibilidade da primeira chamada se seguir um amadurecimento em vista da chamada definitiva e derradeira: «Amas-me? Queres-me bem? Apascenta minhas ovelhas, meus cordeirinhos». A missão brota do Coração de Cristo: então, nós temos que parar, ou seja, assumir a forma de Cristo. Tornar-nos aptos para a missão quer dizer habilitar-nos ao amor a Cristo e à humanidade.

Mais do que um conceito, a evangelização deve tornar-se para nós uma hermenêutica da vida. Significa, antes tudo, deixar transparecer Cristo. Uma Igreja poderosa, rica, não permite que Cristo transpareça. É necessário que a Igreja seja pobre e simples, a fim de que ela possa deixar resplandecer a luz de Cristo no meio dos povos.

Por isso, Cristo confiou-nos sua missão com algumas exortações bem específicas: a pobreza, uma conduta irrepreensível e possibilidade da rejeição. É na debilidade do discípulo que se manifestam o poder, a energia salvífica do Evangelho. O discípulo sabe que a perseguição acompanhará sempre a missão que ele é enviado a desempenhar. No entanto, será fiel ao seu Senhor e pregará o Evangelho com coragem, porque é Cristo que lhe repete: não tenhas medo!

É preciso armar-se de santidade, que se alcança com as progressivas assimilação e conformação a Cristo, que abre o coração a Deus Pai, a tal ponto que o coração do discípulo chega a bater com o mesmo respiro de Deus, em vista da salvação dos irmãos e das irmãs do mundo inteiro.

Isto exige que se verifique, essencialmente, **um salto de qualidade na formação** daqueles que os sacramentos vivos do sacerdócio de Cristo, aos quais é confiada de maneira especial a missão profética, e ao mesmo tempo o cuidado e animação da comunidade cristã. Requer-se que, mantendo fixo o olhar em Jesus Cristo, consideremos as situações contemporâneas da humanidade em que desejamos semear e fazer desabrochar a Palavra de Deus, que é Cristo vivo, a fim de que como pastores, entendidos infelizmente no sentido restritivo, nos tornemos apóstolos, ou pastores evangelizadores.

Aqui estão implicados todos os aspectos daquele processo, que tende a formar em nós homens de Deus, que devem reconciliar-se e harmonizar-se na integridade humana, cristã, sacerdotal e apostólica. *Logos, pathos e ethos* devem encontrar sua composição unitária e unificadora no sujeito. E isto significa ser apóstolo por vocação.

Formação humana

É fundamental uma formação harmoniosa da personalidade humana, em que é necessário construir uma identidade humano-divina, uma personalidade sociocultural e um espírito missionário, imitando as características salientes da humanidade de Jesus Cristo. Temos necessidade de nos educarmos nas virtudes fortes, como a coragem, a lealdade e a amabilidade. Exige-se de nós, especialmente hoje, um olhar crítico sobre o mundo. Por isso, o seminário deve educar os futuros sacerdotes na escuta, no sentido de projeção, de colaboração e de complementaridade, no confronto equilibrado das opiniões e na coragem de ir contra a cultura ou as culturas predominantes, quando estas são contrárias à vocação natural, ao destino do homem e à sua própria dignidade.

Além disso, deve contribuir para desenvolver a capacidade de diálogo.

Em síntese, deve ir ao encontro daquela que hoje em dia, ciosamente, é sentida como instância antropológica. Deve desenvolver o gosto de viajar em volta do homem, de tal forma que a mente e o coração permaneçam abertos à humanidade, especialmente à humanidade marginalizada e sofredora em que foram mutilados os traços do rosto de Cristo.

Permanece central a instância cristológica. Cristo deve ser a origem constituinte e fulcral na história de cada um e nos percursos de formação. É Ele quem envia os futuros presbíteros. Exige-se, outrossim, uma compreensão da Igreja, que não mantenha as janelas e as portas fechadas, mas que estejam abertas à partilha da história, do destino, das dores, das angústias e das aspirações. Por isso, os projetos de formação devem ser declinados com a voz do verbo «servir». Caso contrário, em vez de mostrar o poder dos sinais da salvação misericordiosa de Deus, revestir-nos-emos com os sinais do poder.

6. Formação teológico-cultural

A formação cultural teológica tem em vista e é ordenada para o anúncio. Se os presbíteros são chamados a colocar-se na linha da missão messiânica de Cristo, então a teologia deve tornar-se teologia da missão, teologia do anúncio. Somente desta maneira se poderá ultrapassar aquela que é, dolorosamente, sentida como uma esquizofrenia entre teologia e vida. Infelizmente, é necessário constatar que a dimensão missionária só se manifesta timidamente aqui e ali nos estudos teológicos, e no entanto ela pertence à experiência constituinte da Igreja, é intrínseca ao aprofundamento do mistério de Deus e de Jesus Cristo. Ela é a própria autocompreensão da Igreja, é a conjunção entre querigma e dogma, entre a comunicação da fé e a vivência do mistério da fé. Trata-se da experiência de fé da comunidade cristã, a partir da qual se delinea a reflexão teológica, realizada por aquilo que se chama exercício teológico-pastoral. Trata-se de explicar a razão da nossa própria fé a quem quer que no-lo pergunte, mas também àqueles que não no-lo perguntarem. Ela deve dizer a verdade sobre Deus e o homem, deve explicar Jesus Cristo, o suplemento do homem, que os presbíteros são chamados a incutir nas culturas, a fim de que sustente e valorize as diversidades

culturais. É necessária uma teologia em contexto, porque o anúncio há de ser significativo e eficaz para todos.

Por conseguinte, exige-se uma reflexão séria sobre os currículos e sobre o próprio delineamento da estrutura teológica. Hoje encontramos-nos diante de uma situação social, cultural e religiosa da humanidade, qualitativamente diferente. A pós-modernidade para o Ocidente, a globalização e o *revival* das grandes religiões requerem uma preparação adequada que nos ponha em condições de comunicar o Evangelho. Estes desafios representam uma mudança radical na reflexão sistemática do dado de fé cristã. A realidade do anúncio, ou da transmissão do Evangelho no mundo contemporâneo, deve constituir uma forte preocupação do nosso modo de fazer teologia, deve tornar-se a interlocutora no interior da reflexão sistemática da fé.

Na verdade, existe a urgência e a necessidade de uma mudança de rota, que pode articular-se nos seguintes pontos:

1. Aprofundar e tornar prioritária a teologia da missão, orientando neste sentido toda a reflexão teológica, a ponto de ser quase seu princípio unificador e a sua estrutura constituinte.
2. Aprofundar o mistério do homem, para que não se realize uma separação entre a Igreja e o mundo, que são companheiros de tenda.
3. Construir com maior insistência uma teologia que ponha em diálogo, em vista de um confronto sério e competente com a sociedade contemporânea, com uma maior abertura a contextos culturais e religiosos mundiais.
4. Evitar uma ocidentalização excessiva da teologia, considerando-a praticamente a única séria e válida, enquanto a Associação dos Teólogos do Terceiro Mundo, em Dacar, no distante ano de 1975, já denunciava a teologia ocidental como acadêmica, irrelevante e por isso pouco influente sobre a formação do cristão e da comunidade cristã.
5. Portanto, pelo menos como início estimulador do discurso de renovação, é desejável que a teologia da evangelização se torne uma parte integrante no currículo dos estudos teológicos, que se introduzam cursos – também nos seminários – sobre a inculturação, sobre a teologia das religiões, sobre o diálogo inter-religioso e intercultural. A interculturalidade deveria torna-se um elemento necessário e transversal de toda a estrutura teológica. Atualmente, seria necessário oferecer instrumentos para estas novas sensibilidades e exigências, como viagens de estudo no exterior, intercâmbio de professores de várias proveniências culturais e religiosas, inclusão de estudantes estrangeiros nas nossas faculdades de teologia.

7. Formação espiritual

Para uma espiritualidade fundamental da evangelização, apraz-me citar aqui a expressão utilizada por Pe. P. Manna, fundador da Pontifícia União Missionária: **O Crucifixo é a verdadeira cátedra de missiologia**. Estas palavras voltam a interpelar-nos, levando-nos às origens da vocação presbiteral. A evangelização alimenta-se nesta nascente inesgotável, que é Jesus. Não se trata de pôr em ação novas estratégias pastorais, mas de nos deixarmos conduzir pelo próprio amor de Cristo, que nos chamou, que nos oferece sua própria vida e nos concede a santidade. É necessário tornar essencial a espiritualidade, que para o evangelizador é obrigatoriamente determinada pela globalidade do mistério de Cristo, pela contemplação dos seus rostos.

Como em uma sequência, podem-se enumerar os seguintes elementos:

- a. *Docilidade ao Espírito, que forma Cristo no seminarista, que o impele pelo caminho da missão.*
- b. *Centralidade da Palavra, para construir uma relação íntima e pessoal com Jesus Cristo, em vista de uma conversão totalizadora ao Reino de Deus, deixando-se assim alcançar e transformar pela Boa Nova, pela beleza do Evangelho.*

- c. **Caridade pastoral e Coração de Cristo**, que não tem confins, que leva infalivelmente aos últimos, aos excluídos e aos deserdados.
- d. **Viver os sacramentos como graça e manancial da evangelização.**
- e. **Paixão pelo homem**, que deve ser expressa como proximidade à integridade do homem, como fraternidade na gratuidade, compaixão, simpatia e empatia; como inclusão dos últimos na vida da comunidade, que não é distribuidora de serviços, mas sim comunidade que vive em comunhão e tende a ser instrumento de comunhão de todos; como transparência da filantropia de Deus; como transparência e radicalidade do testemunho, que exigem autenticidade, essencialidade, pobreza e fidelidade.
- f. **Paixão urgente de conduzir toda a humanidade para Cristo**, porque unicamente nele encontrará o cumprimento da sua humanidade.

8. Formação pastoral

A experiência pastoral deve ser integrada em todo o processo de formação. Se o anúncio é a prioridade da missão da Igreja, se o seminário deve preparar os apóstolos, assim também a experiência pastoral não pode limitar-se a um serviço intraeclesial, que se desenvolve quase exclusivamente no serviço litúrgico e catequético, mas deve educar os seminaristas a lançar-se no mundo que está à espera da Boa Notícia, no mundo irredento que ainda não experimentou a paternidade amorosa de Deus: no meio da faixa dos marginalizados, dos excluídos, dos pecadores e dos imigrantes procurando, mediante o testemunho e sua atividade modesta, anunciar a Boa Nova que é Cristo.

9. Conclusão

A *Redemptoris Missio* encoraja a conferir à formação inicial a mais ampla dimensão missionária: «A própria formação dos candidatos ao sacerdócio deve procurar dar-lhes “aquele espírito verdadeiramente católico que os habitue a olhar para além dos confins da própria diocese, nação ou rito, indo ao encontro das necessidades da missão universal, prontos a pregar o Evangelho por todo lado”» (RM, n. 67).

Nisto, pode servir de ajuda a Pontifícia União Missionária, à qual está confiada a tarefa de animar e de forma missionariamente os pastores e os religiosos, em os quais nas circunstâncias atuais os próprios leigos não realizam de maneira completa a vocação missionária que lhes é própria, nem se alcança a finalidade da renovação da Igreja, de cuja ação pastoral a *Missio Ad Gentes* constitui o paradigma.

Formulo votos a fim de que este primeiro Congresso Nacional acenda pelo menos uma pequena chama, capaz de levar a realizar um salto de qualidade na formação missionária dos futuros presbíteros.

Pe. Vito Del Prete
Secretário-Geral da Pontifícia União Missionária

Brasília, 5 de julho de 2010.